

Queridos irmãos e irmãs, não vos esqueçais que todo o batizado está chamado a viver na liberdade dos filhos de Deus. É o Espírito Santo que vos tornará capazes de viver e testemunhar a vossa fé com alegria e generosidade.

Papa Francisco, *Audiência geral*, 18 de agosto de 2021.



Boletim de Espiritualidade

1 SETEMBRO 2021
Ano VIII Nº 87

87



Agenda setembro 2021

- 2 a 5 **Leiria** – Formação: *Sinodalidade para a missão: Um laboratório para o discernimento pastoral* – Rossano Sala [🔗](#)
- 3 a 5 **Fátima** (Domus Carmeli) – XIX Encontro Rumos (para jovens) [🔗](#)
- 3 a 11 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 5 **Fátima** (Santuário) – Palestra: *"O caminho que te conduzirá até Deus": o encontro com Deus como experiência de conversão* – Rui Ruivo [🔗](#)
- 6 **Fátima** (Santuário) – Recolção – P. Johnny Freire [🔗](#)
- 6 a 10 Retiro aberto: *Recomeçar – A experiência da crise: desafio a renascer* – Cardeal D. José Tolentino [🔗](#)
- 9 a 12 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 13 **Angra** – Jornadas teológico-pastorais sobre a sinodalidade: – Sérgio Leal [🔗](#)
- 15 **Angra** (Madalena do Pico) – Jornadas teológico-pastorais sobre a sinodalidade: – Sérgio Leal [🔗](#)
- 16 a 19 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 17 **Angra** (Ponta Delgada) – Jornadas teológico-pastorais sobre a sinodalidade: – Sérgio Leal [🔗](#)
- 18 **Porto** (Ponta Delgada) – Fórum Ecuménico Jovem: *Jovens e ecumenismo: a urgência de construir pontes* [🔗](#)
- 21 a 29 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)

- 20 a 22 **Fátima** (Santuário) – A vida na luz. Retiro da Luz (Tempo Comum) [🔗](#)
- 23 a 26 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 25 **Braga** (Santuário) – Jornada de Filosofia da Religião: *"A viragem teológica da fenomenologia francesa"* [🔗](#)
- 30 a 3 out **Macedo de Cavaleiros** (Balsamão) – XXIV Jornadas Culturais de Balsamão: *Diálogo Intercultural e Religioso* [🔗](#)

Agenda outubro 2021

- 1 a 5 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 4 **Fátima** (Santuário) – Recolção – P. José Correia de Oliveira, cmf [🔗](#)
- 12 Escola de Oração – Encontro mensal (*Online*) [🔗](#)
- 14 a 22 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 16 **Braga** (Casa de Soutelo) – A arte do encontro (refletir sobre o matrimónio) [🔗](#)
- 18 a 22 **Fátima** (Santuário) – Retiro – D. Gilberto Gonçalves Canavarro dos Reis [🔗](#)
- 22 a 24 **Fátima** (Domus Carmeli) – IX Congresso de Espiritualidade: *Espiritualidade em tempos de crise* [🔗](#)
- 30 e 31 **Fátima** – II Congresso Nacional do Movimento dos Cursilhos de Cristandade: *Os Cursilhos de Cristandade numa Igreja em saída* [🔗](#)

se vens pelo
1ª vez

RUMOS 1

escutar

2ª vez

conhecer

3ª vez

olhar

4ª vez

retiro

3 a 5 setembro 2021

Sequência de 4 encontros para jovens com os Carmelitas Descalços para clarificares um rumo para a tua vida.

Encontros 2021



Tendo a Palavra como guia

Armindo Vaz, OCD

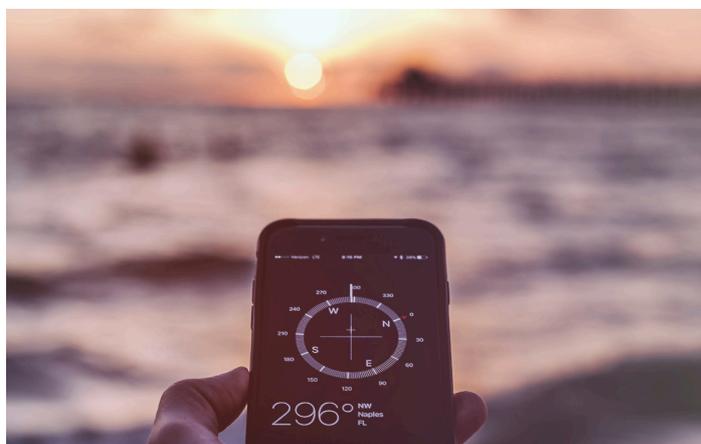
Na ambivalência e relatividade das experiências da vida, o ser humano agradece a ajuda para discernir o bem do mal, para orientar-se por caminhos de verdade, liberdade e felicidade. Para isso, recorre ao melhor dos guias humanos, procurando mesmo o divino, como pensava Platão:

...Escolhemos, de entre as palavras humanas, a melhor de todas e menos falível; e, por ela levados como numa jangada, arriscamos a travessia da vida..., [guiados] por uma palavra divina (*Fédon* 85 d 1).

Escolher o melhor! A religião judeo-cristã descobriu uma experiência paradigmática na história do *povo de Deus*, com o ponto mais alto de orientação no homem Jesus Cristo. Conservou-a por escrito na Bíblia e fez dela *guia* da sua vida, vendo-a pela fé como palavra de Deus. Assim, o crente judeo-cristão caminha «com a *Bíblia* numa mão e o *jornal* na outra» (como diria Karl Barth), confrontando e iluminando os acontecimentos do *dia-a-dia* com a luz que vem da *revelação bíblica*. Sem o GPS que é a Bíblia, anda um pouco perdido nos caminhos da vida. Mas o GPS não interessa em abstracto, desligado da terra: sendo um Sistema de Posicionamento Global (*Global Positioning System*), a partir do alto dirige pessoas e a sua viagem a cada passo. Também a Bíblia quer orientar e transformar o percurso vivo de cada uma.

Para isso acontecer, o leitor tem de evitar a leitura literalista, à letra, leitura fundamentalista que acarreta desvios e extravios do sentido. É o que devemos fazer ao ler qualquer texto com mensagem. A leitura fundamentalista da Bíblia torna-se uma arma perigosa: o fundamentalismo pode degenerar em fanatismo e o fanatismo em terrorismo (que frequentemente nasce da leitura fundamentalista de textos religiosos). Se as pessoas à procura de orientação consultam a bola de cristal, o cartomante, o tarô, o quiromante, os variados testemunhos guardados na Bíblia correspondem a diversos holofotes focados sobre cada experiência humana que precisa de guia. Basta ligar o caminho da vida aos holofotes ou ao GPS da Bíblia, para que interajam com o leitor.

A filosofia, amor à sabedoria, exalta o valor do conhecimento da própria pessoa para ter o melhor que a vida pode dar. A máxima estampada à entrada do templo de Delfos, atribuída a Tales de Mileto, mas também a Sócrates, a Heraclito e a Pitágoras, soa assim na sua forma completa: “Conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o universo”. Quer dizer: o processo de conhecer-se a si próprio tem consequências na forma como se interage com o mundo e com os outros e com o Mistério transcendente e abre a possibilidade de estar sempre a aprender e de ter novos interesses. Ora, a Bíblia facilita o conhecimento do ser humano, marcada como está pela relação dialéctica dos seus dois protagonistas, Deus e ser humano: “Tu examinaste-me, Senhor, e conheces-me... Estás atento a todos os meus passos... Tu conheces profundamente a minha alma” (Sl 139,1-2.14). Na Bíblia, um não está bem sem o outro. Um está sempre à procura do outro. Ela testemunha a revelação de Deus ao Homem e descobre



ao Homem o mistério do Homem, ajuda-o na busca da sua verdade plena e abre-lhe janelas que as ciências não conseguem abrir. O filósofo judeu Franz Rosenzweig di-lo de forma cativante: “A Bíblia e o coração dizem o mesmo. Por isso (e só por isso) a Bíblia é ‘revelação’” (Carta a Benno Jacob, de 27.5.1921: Franz Rosenzweig, *Werke*, I, t. 2. pp. 708-709). Ou seja, a Bíblia testemunha a revelação divina, falando ao leitor da sua própria vida. Realmente, a razão principal da sua atracção e para a sua perene actualidade está no facto de ela mexer na vida concreta das pessoas. Tem a ver comigo. Essa velha história sagrada não deixa ninguém indiferente. Exerceu tão grande influência no desenvolvimento da cultura ocidental, porque durante séculos serviu às pessoas como chave interpretativa do seu passado, presente e futuro. Daí a importância de lê-la. Efectivamente, o *livro que é a Bíblia* exprime a verdade do *livro que é o leitor* diante de Deus e dos outros. Da correcta interacção entre Bíblia e leitor depende a qualidade da mensagem dela a ele. O leitor compreenderá o texto que medita, não quando se põe em ilusória neutralidade relativamente a ele, mas quando o aborda condicionado pela sua situação humana e espiritual, pelas legítimas preocupações da sua vida, pela sua experiência psicológica e afectiva, para descobrir algo de si próprio no texto e para descobrir algo do texto na sua alma. A *página sagrada* deve ser lida a partir dos valores e contravalores recebidos, amor, amizade, condicionalismos, possibilidades, limitações que ‘respiramos’, incoerências que enfrentamos. Texto e leitor precisam um do outro. O leitor não pode ficar passivo, à espera de que o texto ‘diga coisas’. Seja activo: “Procurai e encontrareis..., pois quem procura encontra” (Mt 7,7-8). Compreender uma página da Bíblia supõe um vaivém, de mim para o texto e do texto para mim, em fecunda colaboração e impregnação. Ao ler, o leitor tem de «se deixar ler pelas Escrituras». O auto-conhecimento é mediado pelo encontro com elas:

A alma e a Escritura, graças à referência simbólica de uma e da outra, esclarecem-se mutuamente... São dois livros a ler e a comentar um pelo outro. Se preciso da Escritura para me compreender, também compreendo a Escritura quando a leio em mim próprio... À medida que penetro o seu sentido, a Escritura faz-me penetrar no sentido íntimo do meu ser; ela é, portanto, o sinal que... me revela a minha alma. Mas também o recíproco é verdade. Uma serve de reagente à outra (Orígenes, resumido por H. de LUBAC, *Histoire et Esprit: Oeuvres Complètes*, XVI [Cerf; Paris 2002] 347-348).

Formação Avançada em Teologia Prática

Inscrições de 1 a 10 de setembro



A Faculdade de Teologia, do Centro Regional do Porto, realiza, ao longo do ano académico de 2021/22, um curso de formação avançada na área da Teologia Prática (Teologia Pastoral). Este curso constitui um contributo para a programação do Ano Pastoral, realizado pelos Seminários e Casas de Formação e uma oportunidade para a formação permanente do clero e agentes de pastoral interessados em aprofundar os seus conhecimentos teológico-pastorais. Trata-se de um curso em regime híbrido (frequência por meios telemáticos). O curso decorre de setembro de 2021 a julho de 2022. [🔗](#)

A viragem teológica da fenomenologia francesa

III Jornada de Filosofia da Religião



O Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais e o Centro de Investigação em Teologia e Estudos da Religião, da Universidade Católica Portuguesa, em Braga, vão promover a 3ª jornada de Filosofia da Religião sob o tema "A viragem teológica da fenomenologia francesa". O evento terá lugar no Auditório Isidro Alves, na Universidade Católica em Braga, a 25 de setembro de 2021. As jornadas, acreditadas como formação de curta duração para professores do ensino básico e secundário, terão como palestrantes convidados Andreas Lind, s.j., Carlos Morujão, João Manuel Duque e João Paulo Brito da Costa. [🔗](#)

Licenciatura em Teologia

Percurso de 3 anos (Grau Civil)

**LICENCIATURA
EM TEOLOGIA**

1ª etapa do Bacharelato em Teologia
Grau Canónico

3 ANOS



A Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa abriu uma nova Licenciatura em Teologia, um percurso de 3 anos (Grau Civil), constitui a 1ª etapa do percurso de 5 anos do Bacharelato em Teologia (1º Grau Canónico), aprovado pela Congregação para a Educação Católica. A Licenciatura em Teologia é uma das vias de admissão ao Mestrado em Ciências Religiosas, mestrado profissionalizante para professores de Educação Moral e Religiosa Católica. Possibilita aos portadores de outra habilitação de nível superior a formação complementar (120 ECTS) para se candidatarem a este mestrado. [🔗](#)

A Santa Missa

Autora: Anna Maria Cànopi



O grande mérito de Madre Cànopi – fundadora do mosteiro *Mater Ecclesiae* na ilha de San Giulio, escritora fecunda e patrologa experiente – é ter explicado neste pequeno livro, de forma clara, simples e atraente, holística e sinfónica, todos os valores e aspectos da Missa, não se limitando aos grandes temas do sacrifício e do banquete, das duas mesas do Pão e da Palavra, que embora fundamentais, verdadeiramente, não esgotam o imenso significado da Missa.

A autora, apresentando-nos com exatidão teológica as várias partes da Missa da sóbria Liturgia Romana, não faz um tratado doutrinal, mas no seu comentário espiritual comunica-nos uma experiência, que é a sua própria experiência, na qual nos convida a entrar, e que ilustra com referências adequadas e contínuas a textos bíblicos, patrísticos e a autores modernos.

Publicação: Secretariado Nacional de Liturgia [🔗](#)

fragmentos

📺 **Filme «Fátima».** O filme «Fátima», inspirado em "acontecimentos históricos e nas Memórias da Irmã Lúcia", de Marco Pontecorvo estreia a 07 de outubro. [🔗](#)

📅 **JMJ2023.** Depois da passagem por Angola e pela Polónia, os símbolos da JMJ iniciam a peregrinação nas dioceses de Espanha no dia 5 de setembro. A partir de novembro, vão peregrinar nas dioceses de Portugal. [🔗](#)

Um ano com o *Santo Fradinho do Carmo*

Frei João Costa, OCD



1. Permita-me quem lê que volte ao meu tema favorito dos últimos tempos: a vida do Venerável Frei João d'Ascensão, Carmelita Descalço português (1787-1861).

Tem a vida voltas em que não há volta a dar. Assim foi que, algures nos inícios da década de noventa do século passado, acabados os meus estudos teológicos no Porto, me enviaram para Braga.

(Para que cumpra com a verdade devo dizer que apenas ali passara três augustas horas, pelo que nada conhecia de Braga, a não ser o Bom Jesus do Monte, onde estivera uma vez, a sé catedral e o túmulo de São Martinho de Dume, onde estivera de uma segunda vez, e uma portaria escura, húmida e gélida que eu vira, tinha eu, talvez, dez ou doze anos e que me levou a jurar, com firme convicção de criança, que jamais ali volveria a entrar...)

Chegado, não me apresentaram a casa por julgarem desnecessário. O certo é que num dia de inspiração o Pe José Carlos me falou do «*Santo que aqui viveu há muito e ainda hoje aqui guardamos!*». A notícia não me entusiasmou por aí além, talvez por jamais dele ter ouvido falar. Passados, porém, mais de vinte e cinco anos volvi a Braga e ao convívio com *Frei João d'Ascensão Neiva, o Santinho do Carmo, o Santo Fradinho, o Mestre Neiva* – cognomes com que os bracarenses lhe tributam preito. Para tão pronta aproximação muito contribuiu o facto de no curto horizonte da minha chegada ocorrerem os 160 anos da sua morte. Foi, pois, mais amadurecido e melhor espevitado que aguicei a curiosidade, furei as barreiras do pó e o duro véu de silêncio e me encontrei com meu irmão, João Luís – no nosso claustro, Frei João d'Ascensão.

Desse encontro nasceu um livro. O livro não relata o encontro, tão-só a biografia possível; – chama-se: *O Resgate de Frei João d'Ascensão*. Escrivê-lo exigiu afoiteza. Na verdade, não é uma biografia, nem uma grande investigação, apenas o resultado de um mergulho num mar de indiferença sondando, rebuscando e unindo restos esparsos de naufrágio. Sim, foi um ousado mergulho em que muitas vezes me faltou o fôlego e, no restante, a arte suficiente para desenhar como era mister o rosto e a alma de tão veneranda figura.

2. Por uns meses virei *rato de biblioteca*, li jornais, li rascunhos de *vidas*, li milagres, falei dele, falei com sábios, vasculhei papelada solta, em português e em latim, vi pinturas, corriji uma manca transliteração de uns Apontamentos que parecem ser de um discípulo, visitei-o no túmulo que não o dignifica, antes mais contribui para o seu desdém e obliúvio. E, antes de tudo isso, como é sabido, mandei fazer três gravuras dele. A primeira, em outubro de 2020, a Sofia Maria de Oliveira; – é um corpo inteiro a carvão tão leve que mais parece que o ilustrado plana no ar, e que está, desde essa data, no cruzeiro desta Igreja do Carmo. E nos inícios de 2021, Hélder Carvalho produziu mais duas, um carvão algo misterioso, e uma sanguínea com o seu quê de etéreo e místico.

E em breve inauguraremos a sua estátua na frontaria da igreja. O autor é também Hélder Carvalho.

3. Agora que os dias foram passando e fui descansando do parto do livro, dou-me conta de que não foi um exercício tão arrelizador assim. Não foi; apenas cansativo e compensador. Entretanto, reconheço que



não sei desenhar nem pintar, mas que se me puser a sonhar aparecem-me gravuras minhas no céu. Por isso, se houvera de pintá-lo iria ele determinado, encosta acima, de seu descalço hábito carmelitano revestido. Assobio não tem, a palavra é mansa como as rolas das veigas, os olhos oferecem-se aos passarinhos para fazerem ninhos, e ao andar, em alevantando-se os pés, do chão nascem flores.

São assim os santos – mansos – ainda que de onde em onde os não vejamos como tal. É óbvio que quem assim o vir, ama-o. Mas quem não gostar de ninhos, passarinhos, flores e bálsamo, ignora-o ou odeia-o. E se o odiaram! E se o amaram! Meu Deus, como os dois opostos se entrecruzaram na mesma pessoa para lhe transpassar ou abraçar o coração tenaz! Se bem sei só amou, sobretudo os pobres, os indigentes envergonhados, os necessitados de última hora, os atribulados, os doentes, os jovens sonhadores, os que amavam a Deus, os que ansiavam consagrar-se-Lhe, a Igreja, o Papa, Nossa Senhora, o hábito e a Regra do Carmo.

4. Como me tem sido grato o convívio com Frei João!

Depois que o Resgate apareceu, da sua terra escrevem-me pedindo-me exemplares do livro que fala da sua «*alma luminosa*» e que foi escrito «*com alma e coração*». (Se é certo que às vezes os leitores não percebem os livros, também é certo que outras há em que os autores se surpreendem com os leitores...). O livro anda, pois, por aí, de mão em mão, de porta em porta, pelas casas de São Romão de Neiva e, obviamente, por Braga e por Portugal abaixo. E vai dar frutos.

Em Braga, durante este verão, apresentei-o na Biblioteca Professor Domingos Alves e na Feira do Livro da cidade. A primeira foi mais cálida que a segunda vez; mas não deixa de ser interessante que os leitores

também fazem os livros, como já atrás arrisquei. Em São Vicente estavam os que conheciam e estimavam o biografado, na Feira do Livro, profissionais da investigação. Esta é mais fria, claro, que o cérebro sempre foi mais álgido que o coração.

Em meados de agosto levei-o até às portas da Figueira da Foz, a reclamo da Senhora da Saúde. Ora se a Mãe chama, o filho vai. Ali choquei-me com a quantidade de gente a acariciar o livro, a querê-lo porque fala de um santo, a pedir-me que volvesse para falar da leitura que todos dele faremos até ao Outono. E eu irei, que a comunhão dos santos sempre fez bem.

Na Figueira enterneci-me ademais com as pessoas idosas sentadas em cadeiras e em degraus, dedicando-se, prontas, à leitura lenta, ignorando, e ainda bem, o que do palanque ia eu debitando. De arrepiar.

Já não tenho mais livros, que os mil já voaram; andam por aí a incendiar. De quando em vez achegam-se-me ecos; alguns estranhos: um amigo atribui-lhe um milagre impossível; uma mulher reza-lhe metades de ave marias nas horas de insónia: não as reza por inteiro porque adormece a meio! E outra pede-me que não me canse de falar dele, pois tem uma história para me contar sobre um milagre, mas ainda não se atreve...

(Ah, e agora me dou conta de que se o pintasse o pintaria suavemente sorridente, um sorriso ameno num rosto plácido, que todo o bálsamo é delicado, terno e suave.)

5. Frei João d'Ascensão caminha de novo entre nós. Melhor dito, caminha no coração de muitos, nos sonhos de muitos, nas ânsias de muitos, nas tribulações de muitos. Caminha, que caminhar sempre foi seu ofício. Julgo, portanto, ter cumprido o que numa conversa me pediu o Senhor D. Jorge Ortiga: «— «*Peço-lhe um favor:*



fale muito do venerável Frei João d'Ascensão, fale muito dele, muito, muito, por favor! O Santo Fradinho veio ao meu encontro como mestre da causa social. Olhe que ninguém ama o que não conhece; é por isso que deve falar muito dele. Eu estimo-o muito, você nem imagina! Sabe: na sua atenção aos pobres e na sua caridade diligente, o Santinho do Carmo resume todo o meu pontificado»!

6. No dia 26 de outubro próximo cumprir-se-ão os 234 anos do seu feliz nascimento. Será dia de jubilosa acção de graças porque, se ao nascermos nossos pais e avós se perguntaram: — Quem virás a ser tu, meu filho, quem virás a ser tu, minha filha?, isso mesmo foi o que de João Luís se perguntaram os seus porque, tal como nós, também eles nada sabiam das venturas e caminhos futuros de menino algum. Volvidos, porém, tantos anos, e nisso claramente nada há de sortilégio, dele, felizmente, muito sabemos, porque uma suave brisa ajudou a que se alevantassem alguns dos véus que embrumavam a luz que esplandecia do seu rosto. Sim, sabemos que é *santo* e que do céu nos alcança favores. Sabemos que caminha, que nos atrai ao Carmo e nos eleva para o coração do Bom Deus. Nesse dia inauguraremos a sua estátua, abriremos as janelas a uma exposição de pintura – dos mestres e alunos da Alvo, escola de pintura de Viana do Castelo – e lançaremos mais um livro sobre ele, da autoria de José M. Cruz.

Enfim, valeu a pena, porque a companhia e o exemplo dos santos sempre reconforta e anima os desvalidos. Mas o que mais me alegra em toda esta discreta odisseia é o refrescar das raízes. Para que se saiba a que me refiro, sempre direi que meu pai era agricultor e, na arte da poda, sempre tinha como último cuidado para com a videira, fosse velha, fosse nova, mas especialmente se era nova, cavar-lhe e a maciar-lhe a terra

em volta, libertando-a das duras grilhetas das raízes do *rengo*, que assim «*a vide respira melhor*». Verdadeiramente hoje muito me mói a força daninha das raízes da desmemória, da incúria, do olvido intencional ou negligente, do ostracismo dos valores que nos fundam como comunidade. Isso tanto me impressiona que julgo tarefa urgente volvermos o olhar e debruçar o coração sobre o passado. E não basta fazê-lo como indivíduos, também como comunidade.

7. Sim, valeu a pena, porque também eu caminho acreditando que só se pode ser fiel ao futuro se se auscultar o passado! As raízes são sempre uma boa escola: segui-las ajuda a enfrentar tempestades de ignorâncias e jactâncias. Em boa verdade, não postulo o restauracionismo, mas também não aceito que se rasure o passado, se rasguem folhas da história ou se queimem bibliotecas. E sei também que não urge ser-se engenheiro para se saber que o cerceamento das raízes condiz com o lavar da sentença de morte da árvore, ou por sede ou por força da ventania. E alguns até garantem que as verdadeiras raízes são as que apontam ao céu e dali bebem graça, ar e sol...

Daqui somos para o infinito. O convívio e a amizade com os santos são das nossas melhores raízes; quem, porém, no-las cerceie cimentando-nos, em volta, com argamassa bela, docemente nos agrilhoa, prestando-nos o mau serviço de nos anestesiarem e amesquinhar a alma.

Por isso, Senhor Arcebispo, acredite que dei os passos que julguei que tinha que dar para cumprir o que me mandou: «- *Falem muito dele e retomem a causa de beatificação de Frei João d'Ascensão*».

Muito obrigado.